

Parábolas de Mateus 13



W. Kelly

Título: **PARÁBOLAS DE MATEUS 13**

Autor: **W. KELLY**

Tradução: **MARIO PERSONA - 1991**

*Título original: **Papers on Evangelization — C. H. Mackintosh***

Literaturas em formato digital:

www.acervodigitalcristao.com.br

Literaturas em formato Impresso:

www.verdadesvivas.com.br

Evangelho em 03 Minutos:

www.3minutos.net

O que respondi:

www.respondi.com.br

PARÁBOLAS DE MATEUS 13

Parábolas de Mateus 13 representa o comentário sobre o mesmo capítulo do Evangelho e é parte do livro *Lectures on The Gospel of Matthew* escrito por William Kelly e publicado pela primeira vez em 1868: Na impossibilidade de publicarmos, no momento, o livro na sua íntegra, procuramos trazer aos leitores ao menos uma pequena parte que, temos certeza, será de grande valor a todo aquele que se alegra em conhecer um pouco mais da Palavra de Deus.

Ao terminar o capítulo 12 do Evangelho de Mateus, vemos que o Senhor se desfaz de todos os vínculos naturais que o conectavam com Israel. Estou me referindo simplesmente ao fato de Ele haver demonstrado isto como um aspecto do Seu ensino, pois sabemos que, historicamente, o momento para o real e derradeiro rompimento com Israel aconteceu na cruz. Porém, quanto ao Seu ministério, se podemos dizer assim, o rompimento ocorreu na passagem do capítulo 12 para o 13 do Evangelho de Mateus. Ele Se valeu de uma alusão feita à Sua mãe e irmãos para dizer qual era o Seu verdadeiro parentesco, ou seja, não mais com aqueles que estavam conectados com Ele pela carne, mas, a única família que Ele pode reconhecer a partir de então são aqueles que fazem a vontade de Seu Pai que está nos céus. Ele não reconhece nada além do vínculo que é formado pela Palavra de Deus quando recebida no coração e obedecida adequadamente.

O Espírito Santo continua este assunto registrando uma série de parábolas que estavam conectadas a isto, e que tinham a intenção de mostrar a fonte, o caráter, a conduta e os filhos desta nova família, ou pelo menos daqueles que professavam pertencer a ela. É este o assunto de Mateus 13: Um exemplo surpreendente está na maneira clara como o Espírito Santo moldou os materiais na forma como hoje os vemos, pois sabemos que o Senhor proferiu mais parábolas do que estas que são dadas neste capítulo. Comparando-o com o Evangelho de Marcos, encontramos uma parábola que difere, na sua essência, de qualquer uma das que aparecem em Mateus. Em Marcos é uma pessoa que semeia, dorme e se levanta, de noite ou de dia, esperando pela germinação, pleno crescimento e amadurecimento do grão, saindo, ele próprio, para colhê-lo. Isto diverge consideravelmente de todas as parábolas do Evangelho mais antigo, embora saibamos, por meio de Marcos, que a parábola em questão foi proferida no mesmo dia. “E com muitas parábolas tais lhes dirigia a palavra, segundo o que podiam compreender. E sem parábolas nunca lhes falava; porém tudo declarava em particular aos seus discípulos... E,

naquele dia, sendo já tarde, disse-lhes: Passemos para a outra banda.” (Mc 4:33,34).

Da mesma maneira que o Espírito Santo seleciona certas parábolas que são incluídas em Marcos, enquanto outras são deixadas de fora (o mesmo acontecendo em Lucas), assim também aconteceu no caso que vemos em Mateus. O Espírito Santo está expressando plenamente a mente de Deus acerca do novo testemunho conhecido como cristianismo ou crmandade. Dessa maneira, já no princípio deste capítulo nos prepara para o novo cenário. “Tendo Jesus saído de casa naquele dia, estava assentado junto ao mar.” (vers. 1) Até este momento a casa de Deus estava conectada com Israel. Dentro daquilo a que se pode referir em relação à terra, era ali que Deus morava e reconhecia como Sua habitação. Mas Jesus saiu da casa e sentou-Se à beira-mar. Todos nós sabemos que o mar, na linguagem simbólica do Antigo e Novo Testamento, é utilizado para representar as multidões que vagam de um lado para o outro, alheias ao governo estabelecido por Deus. “E ajuntou-se muita gente ao pé dele, de sorte que, entrando num barco, se assentou; e toda a multidão estava em pé na praia.” (vers. 2) A própria maneira de agir de nosso Senhor, que é indicada ali, mostrava aquilo que viria a ser um testemunho de grande amplitude. Até mesmo as parábolas não ficam limitadas à esfera daquilo com que havia Se ocupado até então, mas passam a ter um alcance muito mais amplo do que qualquer coisa que Ele houvesse dito em ocasiões anteriores.

“E falou-lhe de muitas coisas por parábolas.” (vers. 3) Não é essencial que tenhamos todas as parábolas que nosso Senhor proferiu, mas o Espírito Santo nos apresenta, neste capítulo, sete parábolas interligadas, todas apresentadas juntas e agregadas em um único bloco, conforme procurarei demonstrar. O Espírito Santo está exercendo, de maneira clara, uma certa autoridade no que diz respeito às parábolas aqui selecionadas, pois todos sabemos que sete é o número que, nas Escrituras, representa aquilo que é completo em si mesmo. Quer falemos de bons ou maus espíritos — seja de uma forma ou de outra — o sete é o número normalmente utilizado. Quando é utilizado o número doze como símbolo, ele expressa a plenitude, não espiritual, mas naquilo que tem a ver com o homem. Quando a administração humana é colocada em evidência para levar adiante os propósitos de Deus, aí, então, aparece o número doze. Daí termos os doze apóstolos, os quais tinham um relacionamento peculiar com as doze tribos de Israel. Mas quando é a igreja que está para ser apresentada, voltamos a encontrar o número sete — “sete igrejas”. Seja qual for a razão, temos aqui sete parábolas, algo colocado em ordem por Deus com o propósito de apresentar um relato completo da nova ordem de coisas que

estava por começar — a cristandade e o cristianismo, tanto o verdadeiro como o falso. A primeira pergunta que então ocorre é: Por que temos, então, esta série de parábolas aqui e em mais nenhum outro lugar? Algumas delas estão em Marcos e outras em Lucas, mas em lugar algum, exceto em Mateus, encontramos a série completa. A resposta é esta: Não poderia haver lugar melhor ou mais adequado para elas estarem do que no Evangelho que apresenta Jesus como o Messias para Israel, e revela, com Sua rejeição, o que Deus traria a seguir. O que mais poderia ser de tão profundo interesse para os discípulos, quando suas esperanças se desvaneciam, do que conhecer a natureza e o fim desse novo testemunho? Se o Senhor iria enviar a Sua Palavra para os gentios, qual viria a ser o resultado? Sendo assim, o Evangelho de Mateus é o único que nos dá um esboço completo do reino dos céus, como também nos indica que o Senhor iria fundar a igreja. É somente no Evangelho de Mateus que temos ambas as coisas reveladas. Este assunto, porém, pode ser deixado para outra oportunidade, mas o que devemos observar aqui é que o reino dos céus não é a mesma coisa que a igreja. O reino dos céus é a esfera onde a autoridade de Cristo é reconhecida, mesmo que o seja só exteriormente. Todo cristão professo está no reino dos céus. Isto exclui, evidentemente, aqueles que são muçulmanos, judeus ou pagãos. Toda pessoa que tenha feito uma confissão de fé em Cristo, mesmo que tenha sido apenas como um ritual exterior, já não é meramente um judeu ou gentio, mas encontra-se no reino dos céus. Isto é bem diferente de alguém ser nascido de novo e ser batizado pelo Espírito Santo no corpo de Cristo. Quem quer que leve sobre si o nome de Cristo pertence ao reino dos céus. Ainda que ele seja apenas um joio ali, esta será a sua posição. Isto é algo muito solene. Onde quer que Cristo seja confessado publicamente, existe uma responsabilidade maior do que aquela que recai sobre o restante do mundo.

A primeira parábola claramente se aplica à época em que o nosso Senhor Se encontrava na terra. Ela é bastante genérica e poderia ser aplicada ao Senhor em Pessoa ou em Espírito. Pode-se ainda dizer que ela está sempre em andamento, pois encontramos o Senhor apresentado novamente na segunda parábola, ainda semeando a boa semente, com a diferença que então se trata do “reino dos céus” que é comparado a um homem que semeou a boa semente no seu campo. A primeira trata da obra de Cristo, enquanto ainda estava aqui, anunciando a Palavra entre os homens. A segunda, por sua vez, se aplica ao nosso Senhor semeando por meio de Seus servos, isto é, o Espírito Santo trabalhando neles em conformidade com a vontade do Senhor. Assim, enquanto o Senhor Se encontra nas alturas, o reino dos céus está sendo estabelecido. Isto nos oferece, de

imediatamente, uma importante chave para o assunto todo. Mas apesar do fato da primeira parábola possuir um caráter bastante genérico, há nela um grande volume de ensino moral que se aplica com precisão tanto nos dias de hoje como quando o Senhor estava na terra. “Eis que o semeador saiu a semear” — sem dúvida alguma, uma verdade de grande importância!

Não era assim que os judeus esperavam que fosse o seu Messias. Os profetas deram testemunho de um glorioso legislador que estabeleceria o Seu reino entre eles. Sem dúvida havia claras predições do Seu sofrimento, assim como de Sua exaltação. Nossa parábola não descreve nem sofrimento nem glória visível, mas uma obra levada a efeito pelo Senhor, obra esta de um caráter distinto de tudo aquilo que naturalmente o judeu procuraria extrair do volume das profecias. Mesmo assim creio que nosso Senhor estava fazendo uma alusão a Isaías. Não se trata exatamente do evangelho da graça e salvação para o pobre, desventurado e culpado, mas Alguém que, em lugar de reivindicar os frutos da vinha que era Israel, tem que começar uma obra completamente nova. Um semeador saindo a semear marca claramente o início de algo que não existia antes. O Senhor está começando uma obra nunca antes vista neste mundo.

“E, quando semeava, uma parte da semente caiu ao pé do caminho, e vieram as aves, e comeram-na.” Aquela era definitivamente o caso mais grave de todos. Era inútil e em vão, não por causa de qualquer falha na semente, mas devido à influência destruidora das aves, que devoraram aquilo que havia sido semeado. Em seguida temos: “E outra parte caiu em pedregais, onde não havia terra bastante, e logo nasceu, porque não tinha terra funda”. Este caso tinha uma aparência mais esperançosa. A Palavra foi recebida, mas o solo era pedregoso; não havia terra profunda. Os resultados aparentes eram muito rápidos — “e logo nasceu”. É algo muito sério pensarmos naquelas almas que progredem de imediato. Sempre que a natureza pode interferir nas coisas concernentes a Deus, faz com que elas amadureçam rápido demais. Há pouca, ou até mesmo nenhuma, consciência de pecado. Tudo é recebido, mas com muita prontidão. O plano da salvação pode parecer excelente, o esclarecimento da mente inegável, mas tal pessoa nunca levou em consideração a sua horrível condição diante de Deus. A boa Palavra de Deus é provada, mas o solo é pedregoso. Não há nada para a consciência fazer com ela. Quando existe uma obra real do coração, a consciência é o solo no qual a Palavra de Deus faz efeito. Nunca pode haver uma obra verdadeira, efetuada por Deus, sem que haja convicção de pecado. Isto é algo que as almas, atraídas pelo evangelho, devem

considerar cuidadosamente. É importante saber se elas verdadeiramente encararam o bendito Deus que lhes fala acerca de sua ruína. O caso aqui tratado diz respeito àquelas pessoas nas quais foram ativados sentimentos ardentes sem que o pecado sofresse sequer um arranhão em sua pintura. A Palavra foi recebida prontamente, mas o terreno era pedregoso. Não há raiz pois não há profundidade no solo; conseqüentemente “vindo o sol, queimou-se e secou-se, porque não tinha raiz”.

Mais adiante encontramos que “outra caiu entre espinhos, e os espinhos cresceram, e sufocaram-na”. Este é um outro caso, não exatamente igual àquele em que o coração recebeu a Palavra prontamente. E é bom lembrar que se pode confiar tanto no coração como na cabeça. A carne difere de um indivíduo para outro, mas seguramente nem um nem outro poderá receber a Palavra de Deus, a menos que o Espírito Santo atue sobre a consciência e produza a convicção de se estar completamente perdido. Se for este o caso, trata-se de uma verdadeira obra de Deus, onde as tristezas e dificuldades irão tão somente produzir raízes mais profundas. Aqueles que receberam a semente entre espinhos fazem parte da classe de pessoas que é devorada pelas ansiedades desta era e são carregadas pelos enganos das riquezas que sufocam a palavra de maneira que nenhum fruto chegue à perfeição.

Encontramos agora o bom solo. “E outra caiu em boa terra, e deu fruto: um a cem, outro a sessenta e outro a trinta. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.” (vers. 8,9) Aqui o semeador é o próprio Senhor e, ainda assim, em cada quatro classes de semente, três não têm sucesso. É somente no último caso que a semente dá fruto maduro, e mesmo aí os efeitos dos obstáculos podem ser notados por uma colheita não homogênea: “... e deu fruto: um a cem, outro a sessenta e outro a trinta”. Que triste revelação do coração do homem e do mundo! Pois até mesmo onde o coração não rejeita a verdade, antes a recebe, ele a abandona com a mesma rapidez. O mesmo desejo que faz um homem receber alegremente o evangelho, o leva a lançá-lo fora ao se deparar com as dificuldades. Mas, em alguns casos, a Palavra efetivamente produz efeitos benditos. Caiu em boa terra e deu fruto em diferentes níveis. “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.” Uma solene admoestação às almas, para que verifiquem bem se estão ou não produzindo conforme a verdade que receberam.

O Senhor explica estas coisas. Porém, antes de qualquer coisa, vêm os discípulos e Lhe perguntam: “Por que lhes falas por parábolas? Ele, respondendo, disse-lhes: Porque a

vós é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas a eles não lhes é dado”. A parábola seria exatamente como a nuvem de Israel de outrora — cheia de luz para aqueles que estavam dentro, mas repleta de escuridão para aqueles que se encontravam fora. Assim ocorre com aquilo que nosso Senhor diz. O momento era de uma crise tão solene que não era Sua intenção oferecer mais luz. Faltava-lhes consciência. Tinham o Senhor entre eles, trazendo plena luz, e ainda assim Ele era rejeitado, principalmente pelos líderes religiosos da nação. Ele agora rompia o Seu relacionamento para com eles. Ali estava a pista para o Seu modo de proceder: “a vós é dado conhecer”. Era oculto à multidão, e isto porque já haviam rejeitado as provas mais evidentes possíveis de que Jesus era o Messias de Deus. Mas, conforme Ele diz aqui, “àquele que tem, se dará, e terá em abundância”. Era este o caso dos discípulos. Eles já haviam recebido Sua Pessoa, e agora o Senhor os supriria com verdade suficiente para guiá-los. “Mas aquele que não tem”, referindo-Se ao Israel que rejeitou o Cristo, “até aquilo que tem lhe será tirado”. A presença corpórea do Senhor, que ainda permanecia com eles, e a evidência dos milagres, muito cedo passariam.

“Por isso lhes falo por parábolas; porque eles, vendo, não veem; e, ouvindo, não ouvem nem compreendem.” (vers. 13) Aquela sentença judicial de trevas que Isaías pronunciara sobre eles centenas de anos antes estava agora para ser selada, embora o Espírito Santo ainda lhes desse um novo testemunho. E esta mesma passagem é citada mais adiante para sentenciar que estava tudo terminado para com Israel. Eles amavam mais as trevas do que a luz. De que serve a luz para alguém que fecha os seus olhos? Portanto a luz também lhes seria tirada. “Mas bem-aventurados os vossos olhos, porque veem, e os vossos ouvidos, porque ouvem. Porque em verdade vos digo que muitos profetas e justos desejaram ver o que vós vedes, e não o viram; e ouvir o que vós ouvis, e não o ouviram.” (vers. 16, 17).

Segue-se, então, a explicação da parábola. Temos o significado das “aves” nos sendo dado. Não nos é deixada margem para tecermos nossas próprias conjecturas. “Ouvindo alguém a palavra do reino, e não a entendendo, vem o maligno, e arrebatá o que foi semeado no seu coração; este é o que foi semeado ao pé do caminho.” Note que não se trata exatamente da palavra do evangelho e sim da palavra do reino que lhes estava sendo pregada. Em Lucas não é chamada “palavra do reino”, e tampouco é mencionado “... e não a entendendo”. É interessante observarmos a diferença, pois ela indica a maneira pela qual o Espírito Santo agiu neste Evangelho. Compare com Lucas 8 onde

encontramos algumas destas parábolas. “Esta é, pois a parábola: a semente é a palavra de Deus” (Lc 8:11) — não a palavra do reino, mas “a palavra de Deus”. Há, evidentemente, muita coisa em comum em ambas, mas o Espírito teve uma sábia razão para usar as diferentes expressões. Se não existissem razões bem fundamentadas para tal procedimento, isto poderia ser usado pelos adversários. Volto a lembrar de que se trata da “palavra do reino” em Mateus, e da “palavra de Deus” em Lucas. Neste último encontramos “para que se não salvem, crendo”, e no primeiro, “e não a entendendo”.

O que nos é ensinado por esta diferença? É evidente que, em Mateus, o Espírito Santo tem em mente particularmente o povo judeu, embora a palavra estivesse sendo levada aos gentios no tempo oportuno, enquanto que em Lucas o Senhor tinha especialmente os gentios em Seu pensamento. Eles entenderam que havia um grande reino que Deus estava para estabelecer, destinado a subjugar todos os seus reinos. Os judeus, por já estarem familiarizados com a Palavra de Deus, precisavam entender o que Deus ensinou. Eles já tinham a Sua Palavra, embora a superstição e o orgulho nunca tivessem permitido que a entendessem, e vinha à tona uma séria pergunta: Você a entende? (Por outro lado, seria caso de controvérsia perguntar a um judeu se ele não cria naquilo que dizia Isaías). Porém, quando se tratava dos gentios — eles não possuíam os oráculos de Deus, portanto a questão para com eles era de crerem naquilo que Deus disse, e é isto o que encontramos em Lucas. Era esta a questão com respeito ao gentio — ao invés de estabelecer a sua própria sabedoria, ele devia se submeter ao que Deus disse.

Você ainda observará que, no que diz respeito àqueles que não tinham a Palavra de Deus, e que estavam para ser provados pelo evangelho que iria ser levado a eles oportunamente, a questão era de crerem em algo que nunca lhes havia sido apresentado antes. Em Mateus, dirigindo-se a um povo que já tinha a Palavra, a grande questão era entendê-la. E isto eles não fizeram. O Senhor deixa claro que ainda que tenham ouvido com seus ouvidos, não entenderam com seus corações. Esta diferença, portanto, quando conectada às diferentes ideias e objetivos dos dois Evangelhos, é clara, interessante e instrutiva.

“Ouvindo alguém a palavra do reino, e não a entendendo.” Aprendemos outra solene verdade disto: — o preconceito religioso é o maior obstáculo a impedir a compreensão espiritual. Os judeus foram acusados de falta de entendimento. Eles não eram idólatras, ou infiéis declarados, mas possuíam em suas mentes um sistema religioso no qual

havia sido treinados desde a infância, e que obscureceu sua inteligência para as coisas que o Senhor estava revelando. Assim acontece em nossos dias. Embora entre os pagãos se encontre um estado moralmente perverso, ainda pode-se encontrar aquele tipo de solo fértil onde a Palavra de Deus pode ser livremente semeada e, pela graça, crida. O mesmo já não acontece onde as pessoas foram criadas em ordenanças e superstições: aí a dificuldade está em se entender a Palavra.

“Vem o maligno, e arrebatou o que foi semeado no seu coração.” Conforme podemos ver aqui, as aves da primeira parábola representam o maligno que arrebatou a palavra do reino tão logo ela é semeada. “Porém o que foi semeado em pedregais é o que ouve a palavra, e logo a recebe com alegria.” (vers. 20) Aí você pode ver o coração tocado em suas afeições, porém sem um exercício de consciência. Logo recebe a Palavra com alegria. Há uma enorme gratidão por tudo, mas logo termina. Somente o Espírito Santo agindo sobre a consciência é Quem dá aquilo que diz respeito a Deus. “Mas não tem raiz em si mesmo, antes é de pouca duração; e, chegada a angústia e a perseguição por causa da palavra, logo se ofende.” (vers. 21).

Temos então o solo cheio de espinhos: “E o que foi semeado entre espinhos é o que ouve a palavra, mas os cuidados deste mundo, e a sedução das riquezas, sufocam a palavra e fica infrutífera” (vers. 22). Existe um caso que pode ter parecido promissor por um momento, mas a ansiedade por este mundo, ou a fascinação da prosperidade fácil neste mundo a torna infrutífera, e tudo se perde. “Mas o que foi semeado em boa terra é o que ouve e compreende a palavra (com entendimento espiritual); e dá fruto, e um produz cem, outro sessenta, e outro trinta.”

Chegamos agora à primeira das semelhanças do reino dos céus. A parábola do semeador era a obra preparatória de nosso Senhor sobre a terra. “Propôs-lhes outra parábola, dizendo: O reino dos céus é semelhante ao homem que semeia boa semente no seu campo; mas, dormindo os homens, veio o seu inimigo, e semeou o joio no meio do trigo, e retirou-se” (vers. 24, 25) — exatamente o que aconteceu com a pública confissão cristã. Existem duas coisas necessárias para a entrada do mal entre os cristãos. A primeira é a falta de vigilância dos próprios cristãos. Eles caem em um estado de descuido, dormem, e o inimigo vem e semeia o joio. Isso começou numa época remota da cristandade. Encontramos o seu germe já em Atos dos Apóstolos, e ainda mais nas epístolas. 1 Tessalonicenses é a primeira epístola inspirada que o apóstolo Paulo escreveu; e a

segunda foi escrita logo depois. E ele já lhes dizia que o mistério da iniquidade estava já operando; que havia outros desdobramentos disto, tais como a apostasia e o homem de pecado; e que quando a iniquidade estivesse plenamente manifesta (ao invés de operar sorrateiramente), o Senhor poria um fim ao iníquo e a tudo o que estivesse relacionado com ele. O mistério da iniquidade parece estar relacionado com a semente do joio de que é falado aqui. Após algum tempo, “quando a erva cresceu e frutificou” — quando o cristianismo começou a progredir a passos largos sobre a terra, “apareceu também o joio”. Mas é evidente que o joio foi semeado quase que imediatamente após a boa semente. Não importa qual seja a obra de Deus, Satanás estará sempre vindo logo atrás. Quando o homem foi criado, ele deu ouvidos à serpente e caiu. Quando Deus deu a lei, ela foi transgredida antes mesmo de chegar às mãos de Israel. Essa tem sido sempre a história da natureza humana.

Portanto o dano é feito no campo e nunca mais reparado. Não é agora o momento de se arrancar o joio — não há um juízo determinado para ele agora. Será que isto significa que devemos permitir o joio na igreja? Se o reino dos céus fosse o mesmo que igreja, então esta passagem autorizaria a inexistência de qualquer tipo de disciplina na igreja: deveria se admitir nela qualquer tipo de impureza da carne ou do espírito, bem como blasfemos, bêbados, adúlteros, hereges, anticristos, bem como aqueles que promovem divisões e outros. Aqui vemos a importância de se enxergar a distinção entre a igreja e o reino. O Senhor proíbe que o joio seja arrancado do reino dos céus: “Deixai crescer ambos juntos até à ceifa” (vers. 30), ou seja, até que o Senhor venha para julgar. Se a expressão reino dos céus tivesse o mesmo significado que igreja, volto a insistir, a consequência seria nada mais nada menos do que esta: nenhum mal, por mais flagrante ou evidente que fosse, deveria ser colocado fora da igreja antes do dia do juízo. Vemos, portanto, a importância de se fazer esta distinção, a qual é desprezada por muitos. Ela é da maior importância para a verdade e a santidade. Não há uma única palavra dada por Deus que possamos dispensar.

O que significa, então, esta parábola? Ela não tem nada a ver com o assunto de comunhão na igreja. Trata-se do “reino dos céus” — a esfera de confissão pública de Cristo, seja ela verdadeira ou falsa. Sendo assim, gregos, coptas, nestorianos, católicos romanos, tanto quanto protestantes, encontram-se no reino dos céus; não apenas aqueles que realmente creem, mas também pessoas más que apenas professam ser cristãos. Uma pessoa, não sendo judeu nem pagão, que professe o nome de Cristo está

no reino dos céus. Ele pode ser até um imoral ou herege, mas ele não é para ser colocado fora do reino dos céus.

Mas seria certo recebê-lo à mesa do Senhor? Absolutamente não! Igreja (isto é, assembleia de Deus) e reino dos céus são duas coisas completamente diferentes.

Se uma pessoa que estiver na igreja cair abertamente em pecado, deve ser colocada fora; mas não deve ser excluída do reino dos céus. Na verdade, a única maneira de excluí-la do reino dos céus seria tirando a sua vida, que é o que significa arrancar o joio. E foi neste erro que o cristianismo mundano caiu não muito tempo depois que os apóstolos se foram. Punições civis foram introduzidas como disciplina; leis foram elaboradas com o propósito de entregar os infratores ao governo civil submisso ao clero. Aqueles que não honravam a, assim chamada, "Igreja", não eram considerados dignos de continuarem vivos. Dessa maneira, o próprio mal do qual o Senhor guardava os Seus discípulos veio a acontecer, e o imperador Constantino usou da espada para reprimir os que se opunham ao poder eclesiástico. Ele e seus sucessores estabeleceram punições seculares para tratar com o joio, procurando arrancá-lo.

Tomemos, mais uma vez, a Igreja de Roma onde é tão abrangente a confusão entre igreja e reino dos céus. Eles alegam que se uma pessoa é herege, deve ser levada aos tribunais deste mundo para ser queimada; e eles nunca confessaram ou corrigiram esse erro, pois se consideram infalíveis. Mesmo se supormos que suas vítimas fossem joio, fazer isso equivaleria a arrancá-las do reino dos céus. Se você arranca um joio do campo, você o mata. Podem existir pessoas que exteriormente professam ser cristãos, mas que na verdade estão profanando o nome de Deus; mesmo assim devemos deixá-las para que Deus cuide delas.

Isto não elimina a responsabilidade cristã para com aqueles que estão à mesa do Senhor. Você encontrará instruções a este respeito nas passagens que foram escritas com referência à igreja. "O campo é o mundo" (vers. 38); a igreja abrange somente aqueles adequadamente aceitos como membros do corpo de Cristo. Tomemos 1 Coríntios, onde encontramos o Espírito Santo mostrando a verdadeira natureza da disciplina eclesiástica. Suponhamos que existam cristãos professos, culpados de qualquer pecado que se possa imaginar; tais pessoas não devem ser recebidas como membros do corpo de Cristo, pelo menos enquanto permanecerem naquele pecado. Até mesmo um santo verdadeiro pode

cair abertamente em pecado, mas é dever da igreja, ao saber disso, intervir com o propósito de expressar o julgamento de Deus com respeito ao pecado. Se deliberadamente permitirem que tal pessoa participe da mesa do Senhor, estarão, na realidade, envolvendo o Senhor naquele pecado. Não se trata da questão de ser a pessoa convertida ou não; mesmo que seja alguém convertido, o pecado não deve ser consentido. Quanto àqueles que não são verdadeiramente convertidos, nada têm a ver com a igreja.

O ensino da Palavra de Deus é, dessa forma, o mais claro possível quanto a estas verdades. É um erro se valer de punições seculares para tratar com um hipócrita, mesmo quando ele é descoberto. Ainda que se busque o bem de sua alma, não há razão para tal tipo de punição. Mas se um cristão é culpado de pecado, a igreja, embora exortada a ser paciente no julgamento, não deve jamais aceitá-lo. Quanto aos inconversos culpados (o joio), devemos deixá-los para que sejam julgados pelo Senhor em Sua vinda. É isto o que nos ensina a parábola do joio; dá-nos uma visão bastante solene do cristianismo. Tão certo como o Filho do homem semeou boa semente, Seu inimigo semearia má semente que cresceria junto com as outras: e não se pode ficar livre desse mal, ao menos no tempo presente. Há uma solução para o mal que entra na igreja, mas ainda não existe uma para o mal que está no mundo.

Este é o único Evangelho contendo a parábola do joio. Lucas fala do fermento. Mateus tem também a parábola do joio que ensina particularmente paciência no tempo presente, em contraste com a forma judaica de julgamento, além de atender à justa expectativa de um campo limpo do mal quando chegar o milênio sob o reino do Messias. Os judeus poderiam dizer: — Por que deveríamos admitir inimigos, hereges e infiéis? Até mesmo quando nosso Senhor esteve aqui, e alguns Samaritanos não o receberam, Tiago e João quiseram ordenar que caísse fogo dos céus para consumi-los. Eles tinham o pensamento natural de tratar logo com o joio, mas o Senhor os repreendeu por isto. “Vós não sabeis de que espírito sois”, e acrescentou, “Porque, o Filho do homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las”. Isto ilustra qual é o desejo de nosso Senhor com respeito ao joio. Matá-los é ir contra o cristianismo, cujo verdadeiro poder procede do Espírito Santo e não da força bruta. A espada fica do lado de fora.

Contudo, temos ainda mais instruções. “Deixai crescer ambos juntos até à ceifa; e, por ocasião da ceifa, direi aos ceifeiros: Colhei primeiro o joio, e atai-o em molhos para o

queimar; mas o trigo ajuntai-o no meu celeiro.” (vers. 30) Assim os santos celestiais estão para ser reunidos ao celeiro do Senhor; tirados desta terra e levados para o céu. Porém a “ocasião da ceifa” se refere a um certo período de tempo quando transcorrerão os vários processos de ajuntamento. Nesse cenário de colheita o Senhor dirá aos ceifeiros: “Colhei primeiro o joio, e atai-o em molhos para o queimar”. Não diz que o trigo deva ser atado em molhos para ser levado aos céus. Não é dada qualquer instrução no sentido de que seja preciso algum trabalho especial de preparação dos santos antes que sejam levados para os céus. Mas há algo assim com respeito ao joio. Os anjos devem arrumá-los de um certo modo antes que o Senhor os leve do campo. Não pretendo dizer como isso acontecerá, ou se os diversos sistemas ou associações que vemos no presente ão estejam, de certa forma, preparando o caminho para a ação final do Senhor para com o joio. Mas o princípio de associação a nível mundial está ganhando espaço. Quando se aproximar o tempo do juízo dos vivos, haverá um trabalho preliminar, confiado aos anjos, para amarrar os ímpios em feixes para serem queimados. Não pretendo especular em como isso será feito, preferindo ficar tão somente dentro daquilo que me é mostrado neste capítulo.

A parábola do campo de trigo provou plenamente que, à semelhança da dispensação que terminava, aquela que estava para começar viria a ser também um completo fracasso no que diz respeito à responsabilidade do homem em manter a glória de Deus. Isso deve ter sido um golpe inesperado para os pensamentos dos discípulos. Israel havia desonrado a Deus; eles não haviam trazido a liberdade, mas sim a vergonha e confusão sobre na face da terra. Eles falharam em guardar a lei e haviam de rejeitar a graça tão completamente que o Rei seria obrigado a enviar os Seus exércitos para destruir aqueles assassinos e queimar sua cidade. Mas talvez o que não tenha sido entendido com clareza era que, se por um lado estava para começar uma nova obra que iria tomar a forma de uma reunião de discípulos ao nome de Jesus, pela Palavra que lhes seria pregada, por outro, essa nova obra acabaria por se tornar uma ruína nas mãos dos homens.

Quando se trata de salvação de almas, isto jamais depende da criatura, cujos esforços Deus considera, e sempre considerou, um completo fracasso. O homem foi destituído da glória de Deus no Paraíso, e fora dele corrompeu os seus passos enchendo a terra de violência. Depois de tudo, Deus ainda escolheu um povo para prová-los, e eles falharam. E agora veio a nova prova. O que seria dos discípulos que professaram o nome de Cristo? A resposta foi dada: Enquanto os homens dormiam, o inimigo semeou o joio. E um

solene aviso declara que nenhum zelo por parte deles poderia remediar o mal que fora feito. Eles próprios podiam ser fiéis e sinceros, mas o mal que havia sido feito pela introdução do joio — falsos cristãos professos — nunca seria erradicado.

O Senhor evidentemente fala do vasto campo de confissão cristã, e do triste fato de que o mal estava para ser introduzido desde o seu princípio. E uma vez introduzido, nunca mais seria tirado até que o próprio Senhor viesse para julgar e, por meio de Seus anjos, atá-los em feixes para serem queimados. Enquanto isso, o trigo encontra-se reunido no celeiro. Vimos, assim, que o joio estava para ser misturado ao trigo desde o princípio, — não necessariamente misturado à igreja, pois o campo não é a igreja, mas o mundo. A conclusão é que podem existir aqueles que estão levando o nome de Cristo embora sejam pessoas declaradamente ímpias. Sabemos que tal classe de pessoas tem conseguido obter, e até mesmo manter, uma posição dentro de um grande círculo que professa o nome do Senhor, mas o campo — marque bem — não é a assembleia, mas a esfera de uma adesão exterior a Cristo.

Se por um momento pensarmos na igreja como sendo o que encontramos em Mateus 13, é certo que jamais entenderemos o capítulo. “O campo é o mundo”, a esfera onde o nome do Senhor é confessado, e se estende muito além daquilo que poderia ser considerado a igreja. Deve haver — e com certeza há — muitas pessoas que não sejam nem pagãos e nem judeus ou muçulmanos, que se autodenominam cristãos, enquanto demonstram, por seu caminhar, que não há neles uma fé real. Estes são chamados de “joio”. Não são necessariamente hipócritas conscientes. Podem ser ou não, mas são professantes degenerados do “um só Senhor” e da “uma só fé”, tratando-se de pessoas batizadas que não têm nenhum apreço por Cristo e nem cuidado com Sua glória. São, conseqüentemente, destituídos de vida — não são nascidos da água e do Espírito, embora levem o nome de Cristo e talvez até mesmo tenham, exteriormente, zelo pela fé. Atualmente são encontrados em todos os lugares do mundo ocidental, como já o foram no mundo oriental. Há muitos que, muito embora ninguém acreditaria que pudessem ser nascidos de Deus, ficariam chocados se fossem taxados de infiéis. Reconhecem a Cristo como o Salvador do mundo e como o verdadeiro Messias, mas é algo totalmente sem efeito sobre suas almas, assim como aqueles que na Jerusalém de outrora creram em Cristo quando viram os milagres que Ele fizera. (João 2) Jesus não confia nestes de agora, tanto quanto não confiava naqueles de então.

A próxima parábola indica que o mal não seria somente na forma de mistura com uma

falsa confissão de fé, mas algo bem diferente havia de se seguir. Isso podia estar conectado com o joio e com o seu crescimento, mas era necessário outra parábola para apresentá-lo. Começando com o menor núcleo possível, o mais fraco aos olhos deste mundo, haveria de firmar suas raízes profundamente entre as instituições dos homens e crescer como um sistema de poder e influência terrena. Trata-se da semente de mostarda brotando e se tornando uma grande árvore em cujos ramos as aves do céu viriam se aninhar. Já foi explicado que as aves representam o maligno ou seus agentes. (Compare vers. 4 e 19) Nunca devemos nos afastar do significado de um símbolo em um capítulo, a menos que exista uma razão bastante clara para isto, o que não parece ser caso. Temos, assim, a menor de todas as sementes que cresce até parecer árvore; começando de forma insignificante chega a formar um tronco com ramos suficientemente espaçosos para prover abrigo e um lar apropriado às aves do céu. Que mudança para a confissão cristã! O destruidor encontra-se agora alojado em seu seio.

Em seguida vem a terceira parábola, novamente de uma natureza diferente. Não se trata de uma semente, boa ou má. Tampouco nos fala do que é pequeno e se torna grande e poderoso neste mundo; e para que! Mas aqui encontramos aquilo que seria a disseminação de doutrina internamente, assimilando para si qualquer coisa que lhe cruzasse o caminho. “Fermento” é usado no Evangelho de Mateus, assim como ocasionalmente em outras passagens, com o significado de doutrina. Por exemplo, temos a “doutrina dos Fariseus e Saduceus” que é chamada de “fermento”. (Mateus 16:6) Sem dúvida alguma o Senhor se refere ali à doutrina hipócrita. O pensamento aqui não é tanto no sentido de caracterizar o tipo de doutrina, seja ela boa ou má, mas sim, ao que parece, simbolizar aquilo que se espalha e penetra em tudo o que entra em contato consigo.

“O reino dos céus é semelhante ao fermento que uma mulher toma e introduz em três medidas de farinha, até que tudo esteja levedado.” (vers. 33) As três medidas de farinha não devem ser interpretadas como o mundo inteiro. Suponho que representem uma determinada área entregue à ação do fermento doutrinário, por meio do qual a doutrina efetivamente se espalha. Seja o resultado um estado de coisas bom ou mau após o todo ter sido impregnado com a doutrina, devemos julgar segundo a Palavra de Deus de uma maneira geral, e não meramente por uma figura ou expressão em particular. Normalmente não encontramos a verdade estabelecida de tal maneira. Sabemos o que há no coração do homem e disto deduzimos que a doutrina que é espalhada de forma tão vasta, usando o nome de Cristo, deve estar bem distante de sua pureza original quando passa a ser benquista por uma grande multidão. Além do mais, temos visto o joio, que não significa

nada de bom, ser misturado ao trigo. Vimos também a semente de mostarda que cresceu ao ponto de se tornar uma árvore que estranhamente acolheu as aves do céu, as mesmas que antes haviam roubado a semente que Cristo plantou. E então vemos o fermento que, onde quer que apareça simbolicamente na Palavra de Deus, nunca tem outro significado além de caracterizar aquilo que corrompe, se espalhando e trabalhando rapidamente. Portanto devemos assumir que aqui não se trata da expansão do evangelho.

Não tenho dúvida de que o significado é um sistema doutrinário que toma toda uma massa humana, deixando nela a sua marca. Quanto ao tipo de doutrina, isso é algo que exige outras considerações, mas, sem dúvida alguma, seria muito estranho se o fermento significasse algo de bom. Por outro lado, o evangelho é a semente — a semente incorruptível — da vida, sendo o testemunho de Deus quanto a Cristo e Sua obra. Ele pode ser alvo de rapina ou mesmo pisado, mas onde quer que encontre abrigo em um coração, ali ele emana, pela graça, uma nova natureza. O fermento nunca, e em lugar nenhum, tem a ver com Cristo e tampouco dá vida, mas expressa justamente o contrário. Portanto, não existe a menor analogia entre a ação do fermento e o recebimento de vida em Cristo por meio do evangelho.

Creio que o fermento demonstra aqui a propagação dos dogmas e credos, após a cristandade haver se tornado um grande poderio sobre este mundo, cumprindo assim a parábola da árvore. Foi assim que ocorreu, historicamente falando, no tempo de Constantino, o Grande, e sabemos que o resultado disso foi um abandono da verdade. Quando o cristianismo se tornou grande e respeitável neste mundo, ao invés de ser perseguido e reprovado, levas de pessoas foram a ele acrescentadas. Todo um exército foi batizado com uma só palavra de ordem. A espada passou a ser então utilizada para defender, ou fortalecer, o cristianismo; com uma frequência cada vez maior as recompensas terrenas e o favor imperial aceleravam a decadência do paganismo. Tudo isso, sem dúvida alguma, abriu caminho para a disseminação do fermento, e não para a sã verdade de Deus e tampouco para Sua graça.

Observe também que desta maneira a interpretação flui harmoniosamente. Temos parábolas aplicadas a coisas distintas, que podem ter uma certa medida de analogia umas às outras, além de estabelecer diferentes verdades em uma ordem que não pode deixar de se mostrar idônea a uma mente espiritual e livre de preconceitos. Tudo depende

de uma correta compreensão do que significa “reino dos céus”. Não devemos esquecer que se trata simplesmente da autoridade do Senhor nos céus, reconhecida sobre a terra. Quem quer que a reconheça, seja nascido de Deus ou não, encontra-se no reino dos céus. Alguns são verdadeiramente renascidos enquanto outros meramente adotaram o cristianismo como um bom credo e um código moral salutar. Quando o cristianismo passou a ser algo reconhecido pelo mundo como um verdadeiro poder civilizatório sobre a terra, tendo sido avaliado como tal pela balança da sabedoria humana, deixou de ser simplesmente o campo semeado com a boa semente e poluído pela má semente lançada pelo inimigo. Transformou-se, porém, em frondosa árvore e em fermento de ação ampla e profunda (pois é esta a surpreendente revelação que o Senhor faz). Isso era algo que as multidões poderiam admirar, mas que somente os sábios seriam capazes de compreender. Se os discípulos estavam esperando por algo que fosse evoluir segundo a mente de Cristo, estavam bem enganados. Eles foram informados de que seria uma situação completamente diferente daquela que eles esperavam com base nos profetas, que discorreram abundantemente acerca de uma época de paz, bênção e glória universal sobre a terra. Aqui eles descobrem que, embora o Messias tivesse vindo, Ele estava indo embora; que enquanto Ele estivesse nos céus, o reino seria estabelecido em perseverança e não em poder — misteriosamente, e não como algo visível; e que nele, conseqüentemente, seria permitido que o diabo trabalhasse tanto quanto antes, valendo-se, como era de se esperar, da recém-revelada verdade de Deus.

Até aqui, portanto, estas parábolas mostram o gradual crescimento do mal. Primeiro há a mistura de um pouco de mal com uma grande quantidade de bem, como era o caso do campo de trigo. Então há o surgimento daquilo que é alto, poderoso e influente, a partir da insignificante origem do cristianismo primitivo. Ao invés de padecer tribulação no mundo, o corpo de cristãos se transforma em feitor a exercer a sua autoridade, e desde então passa a ser o lugar em que se colocam os mais ambiciosos deste mundo a fim de satisfazerem suas próprias pretensões. Segue-se uma vasta propagação de doutrina, quando a insensatez do paganismo e as limitações do judaísmo tornam-se por demais evidentes, e à medida que os interesses destes também os levam a buscar um lugar no cristianismo.

Repare que agora há uma mudança. O Senhor para de Se dirigir à multidão. Quem poderia deixar de perceber que o próprio Senhor já estava colhendo o trigo? Quem não seria capaz de perceber o crescimento da árvore de mostarda, e a disseminação do

fermento, quando os fatos eram evidentes e a sua aplicação levada a efeito? Mas o Senhor agora se afasta da multidão que estava em foco até o momento. Como está escrito, “E com muitas parábolas tais lhes dirigia a palavra... e sem parábolas nunca lhes falava”. Mas agora Jesus despede a multidão e vai para casa. Gostaria de chamar a sua atenção para este fato, pois divide as parábolas e dá início a um novo conjunto delas. As parábolas que se seguem não eram do tipo que alguém poderia ver ou apreciar. Qualquer um podia apreciar as outras. A sabedoria do mundo considera o cristianismo uma instituição da qual pode se orgulhar, mas apenas no seu credo, ou seja, sem envolver qualquer responsabilidade moral — um fermento de fato, que se torna assimilável por nascimento, hábitos, colonização, etc.

Porém, embora estas parábolas representem diferentes aspectos e condições, a pregação da palavra do reino deve permanecer sempre. Isto tem o seu lugar próprio, da mesma maneira que entre os judeus havia várias festas, enquanto o Shabbat era uma constante, repetido semana após semana. Deparamo-nos aqui com uma grande distinção, a qual se parece com a analogia feita às festas dos judeus, pois elas também são divididas. Após a festa da páscoa, dos pães asmos e das semanas, uma seguindo-se à outra, encontramos uma interrupção, após a qual vinham as festas das trombetas, da expiação e, finalmente, dos tabernáculos. Conforme o apóstolo ensina, Cristo, nossa Páscoa, foi sacrificado por nós, portanto temos que celebrar a festa dos pães asmos inseparavelmente conectada a isto. E não é tudo. Lemos em Atos 2: “E, cumprindo-se o dia de Pentecostes”. Aí temos as festas que se cumpriram em nós cristãos. Seria um absurdo aplicar a festa das trombetas, o dia da expiação e a festa dos tabernáculos à igreja, pois sua aplicação (salvo naquilo que desfrutamos na forma de penhor pelo Espírito) é para os judeus.

Assim como na metade de Levítico 23 a pausa indica uma nova ordem de coisas, também neste capítulo a temos assinalada, e enquanto as primeiras parábolas se aplicam à confissão cristã exterior, as demais dizem respeito especialmente, e intimamente, aos verdadeiros cristãos. A multidão não poderia desfrutar delas. Eram “segredos de família” e, portanto, o Senhor chama os discípulos para dentro e lhes revela tudo.

Mas antes de entrar no novo terreno, Ele nos dá informações mais detalhadas daquilo que já vimos. Os discípulos lhe pedem, “Explica-nos a parábola do joio do campo”. (vers. 36) Mesmo em ignorância, eles ainda confiam em seu Senhor, e Seu desejo era mesmo

explicar aquilo que já havia falado. “E ele, respondendo, disse-lhes: O que semeia a boa semente, é o Filho do homem; o campo é o mundo; e a boa semente são os filhos do reino; e o joio são os filhos do maligno.” (vers. 37, 38) Ficou bem claro que o Filho do homem e o maligno são opostos entre si. Como acontece na Trindade, sabemos que há uma parte na obra de bênção própria a cada uma das três benditas Pessoas, e assim também existe o triste contraste no mal que está fora. Assim como o Pai derrama em especial o Seu amor, e separa do mundo pela revelação que há em Cristo; assim como vemos o Espírito Santo, em oposição à carne, sendo Ele o grande agente da graça, caminhos e conselhos do Pai, assim também as Escrituras apresentam Satanás sempre agindo como o chefe, antagonista pessoal do Filho. O Filho de Deus é vindo para que possa destruir as obras do diabo. O diabo se vale do mundo para enredar as pessoas e excitar a carne, estimulando a tendência natural do coração em busca de honra e proveito no tempo presente. Em oposição a isso, o Filho de Deus apresenta a glória do Pai como o objetivo pelo qual Ele estava trabalhando por intermédio do Espírito Santo.

A discriminação torna-se marcante ao longo da explicação do Senhor que é dada aos discípulos dentro de casa. Na primeira das parábolas, o bom se encontra completamente separado do mal, mas na última das três ele encontra-se imerso em uma massa homogênea. No entanto, no princípio tudo estava evidente. De um lado, vemos o Filho do homem semeando a boa semente, e o resultado disso são os filhos do reino. De outro, encontramos o inimigo, e ele está semeando sua má semente, falsas doutrinas, heresias, etc., resultando nos filhos do maligno. A presença do cristianismo no mundo deu ao diabo a oportunidade de tornar os homens muito piores do que se nunca tivesse existido nenhuma nova revelação celestial, e um historiador incrédulo denunciou isso nestes termos: “Os anais do cristianismo” — escreveu ele — “são os anais do inferno”. Sabemos que isso decorre do fato de se confundir o sistema cristão nominal, que é a Babilônia, com a verdadeira igreja. Do ponto de vista de Deus, não há nada mais vil do que tirar proveito do nome de Cristo. Nunca, em nenhum lugar, houve tanto sangue justo derramado quanto nas mãos dos assim chamados “religiosos”. Não é isto algo solene? O que encontramos no papado nada mais é do que o pleno cumprimento da religião terrena. Todo sistema religioso deste mundo tende a perseguir qualquer coisa que não ande nas suas pegadas. Isso é visto ainda hoje, quando ainda há um pouco de fidelidade a Cristo. A amargura e oposição exercida contra aqueles que estão buscando seguir ao Senhor em nossos dias é a mesma que se fez presente nos horrores da idade das trevas, e ainda permanece no “santo ofício” da inquisição, onde faz questão de manter sua cabeça erguida.

Continuemos, porém, o assunto. “A ceifa é o fim do mundo; e os ceifeiros são os anjos.” (vers. 39) O mundo no versículo 38 não deve ser confundido com o mundo no versículo 39: São palavras totalmente distintas e significam coisas diferentes. O mundo no versículo 39 significa a época. Trata-se de um período de tempo e não de uma esfera geográfica. No versículo 38 tem-se em vista a esfera geográfica, onde o evangelho se espalha; no versículo 39 trata-se do período de tempo no qual o evangelho está tanto avançando como sendo impedido pelo poder do inimigo. O campo é a consumação de uma era, ou seja, da presente dispensação — a época em que o Senhor encontra-Se ausente e o evangelho está sendo proclamado por toda a terra. A graça encontra-se agora em plena atividade. Os únicos meios que Deus emprega para agir sobre as almas são de um caráter moral e espiritual. Os anjos trazem juízos providenciais e assim tratam com os ímpios a fim de destruí-los, enquanto que o evangelho se vale de pobres pecadores para salvá-los. O Senhor indica aqui que será posto um fim à presente atividade de divulgação da palavra do reino, e que virá um dia em que os efeitos da obra de Satanás devem atingir o seu pleno desenvolvimento e receber o juízo. “Os ceifeiros são os anjos.” Nós temos a ver com a expansão do bem, enquanto que os anjos são os responsáveis pelo juízo do iníquo. “Assim como o joio é colhido e queimado no fogo, assim será na consumação deste mundo.” (vers. 40). No versículo 40 é usada a mesma palavra, traduzida como “mundo”, que aparece no versículo 39: Infelizmente a nossa versão a traduz de uma mesma maneira nos três versículos.

Muitas passagens nas Escrituras mostram um estado de coisas, para acontecer num tempo futuro, que difere totalmente daquilo que é contemplado pelos evangelhos. Vou dar um ou dois exemplos encontrados nos profetas. Veja Isaías 11, que fala primeiro de nosso Senhor usando a figura de um renovo da raiz de Jessé. É evidente que é algo verdadeiro acerca de Cristo, seja em Seu primeiro advento ou no segundo. Ele proveio de um israelita, e da família de Davi. Também, no que diz respeito ao Espírito Santo repousar sobre Ele, sabemos que isso realmente ocorreu quando Ele aqui estava como Homem.

Mas no versículo 4 encontramos outra coisa: “Mas julgará com justiça os pobres, e repreenderá com equidade os mansos da terra”. Se você argumentar que isso é o que ocorre agora, alegando que no reino dos céus o Senhor age sobre as almas dos mansos, etc., devo pedir-lhe que leia um pouco mais: “e ferirá a terra com a vara de sua boca, e com o sopro dos seus lábios matará o ímpio”.

Porventura o Senhor está agindo assim agora? É claro que não. Acaso não está Ele

enviando uma mensagem de misericórdia por toda a terra? Ao invés de matar o ímpio com o sopro de Seus lábios, não está Ele convertendo o ímpio pela palavra da Sua graça? Tudo o que hoje vemos encontra-se claramente em contraste com o que é descrito aqui. O sopro dos Seus lábios é algumas vezes aplicado ao evangelho, mas vejamos como isto se encaixa em Isaías 30:33: “Porque uma Tofete está preparada desde ontem; sim, está preparada para o rei; ele a fez profunda e larga; a sua pilha é fogo, e tem muita lenha; o assopro do Senhor como torrente de enxofre a acenderá”. Vejo neste versículo um auxílio dos mais valiosos para compreender Isaías 11: O que diz que Ele faz com o sopro dos Seus lábios? Ele mata o ímpio. “O assopro do Senhor”, como é interpretado pelo Espírito Santo, nos leva à convicção de que se trata da execução do juízo do Senhor sobre o ímpio. O Senhor Jesus veio para salvar; mas o tempo de Ele vir para destruir está ao alcance da mão. “E ferirá a terra com a vara de sua boca, e com o sopro dos seus lábios matará o ímpio.” O livro do Apocalipse também nos fornece a chave, quando Ele é visto com uma espada saindo de Sua boca. Ela representa o justo juízo executado tão somente pela palavra do Senhor. Assim como Ele falou e o mundo foi feito, Ele falará e o ímpio entrará na perdição.

Assumindo que este é o inquestionável significado do versículo, o que vem a seguir? Um estado de coisas bem diferente daquele que temos encontrado no evangelho: “E a justiça será o cinto dos seus lombos, e a verdade o cinto dos seus rins. E morará o lobo com o cordeiro, e o leopardo com o cabrito se deitará, e o bezerro, e o filho de leão e a nédia ovelha viverão juntos, e um menino pequeno os guiará. A vaca e a urso pastarão juntas, e seus filhos juntos se deitarão; e o leão comerá palha como o boi. E brincarão a criança de peito sobre a toca do áspide, e o já desmamado meterá a sua mão na cova do basilisco. Não se fará mal nem dano algum em todo o monte da minha santidade, porque a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar.” (Is 11:5-9).

Não vemos nada disso agora, pois quer olhemos para os Evangelhos ou para as Epístolas, quando o Espírito Santo está falando a respeito da pregação que agora acontece, o efeito que temos de admitir é este: alguns creem, mas a grande maioria está rejeitando. Além disso, pode-se acrescentar que nos últimos dias deveriam chegar tempos perigosos, sendo que o que prevalecerá nos últimos dias não será a verdade de Cristo, mas a mentira do Anticristo (1 João 2); não o triunfo do bem, mas do mal, até que o Senhor coloque tudo sob a Sua mão. E é isso o que está reservado para a Sua vinda e Seu reino. “E ferirá a terra com a vara de sua boca, e com o sopro dos seus lábios matará

o ímpio.” Como consequência vemos todos aqueles benditos efeitos. O Senhor não Se encontra ferindo a terra agora. Ele abriu os céus e logo tomará a terra.

Em Apocalipse você encontra a visão do anjo forte, com o seu pé direito sobre o mar e o esquerdo sobre a terra. É o Senhor tomando todo o universo sob o Seu governo imediato. Neste presente momento o mistério da iniquidade é deixado sem ser julgado. Está sendo permitido ao mal se alastrar insaciavelmente pelo mundo. Mas não será assim para sempre. O mistério de Deus está para ser concluído. Então ocorrerá a maravilhosa mudança, a regeneração, conforme o Senhor a apresenta, quando o Espírito de Deus será derramado e a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar. Mas até que da presença do Senhor venham esses tempos de refrigério, as Escrituras chamam o período intermediário de século mau. Assim, em Gálatas 1:4 não é o mundo físico que está em questão, mas o estado moral das coisas, isto é, este presente século mau. A nova era, ao contrário, será gloriosa, santa e abençoada.

No versículo imediatamente posterior de Isaías 11 é predita a restauração do antigo povo de Deus, a reunião de todo o Israel juntamente com Judá. Isso não aconteceu por ocasião do retorno do cativo Babilônico. Uma fração quase insignificante de Judá e Benjamim havia voltado e nada de Israel, além de alguns poucos indivíduos. As dez tribos são universalmente chamadas de tribos perdidas. No entanto, “há de acontecer naquele dia que o Senhor tornará a estender a sua mão para adquirir outra vez os resíduos do seu povo, que restarem da Assíria, e do Egito, e de Patros, e da Etiópia, e de Elão, e de Sinear, e de Hamate, e das ilhas do mar. E levantará um pendão entre as nações, e ajuntará os desterrados de Israel, e os dispersos de Judá congregará desde os quatro confins da terra. E desterrar-se-á a inveja de Efraim, e os adversários de Judá serão desarraigados: Efraim não invejará a Judá e Judá não oprimirá a Efraim. Antes voarão sobre os ombros dos filisteus ao ocidente, juntos despojarão os filhos do oriente: em Edom e Moabe porão as suas mãos e os filhos de Amom lhes obedecerão. E o Senhor destruirá totalmente o braço de mar do Egito” (Is 11:11-15). Nada disso jamais aconteceu antes. O mar do Egito continua a existir como antes; no entanto, deveriam existir marcas visíveis do cumprimento desta profecia, tanto física como espiritualmente, se ela já tivesse se realizado. “E moverá a sua mão contra o rio com a força do seu vento, e, ferindo-o, dividi-lo-á em sete correntes, que qualquer atravessará com sapatos. E haverá caminho plano para os resíduos do seu povo, que restarem da Assíria, como sucedeu a Israel no dia em que subiu da terra do Egito.” (Is 11:15,16) Tanto no mar do Egito como no Nilo

haverá este grande feito de Deus, superando o que Ele fez outrora quando da primeira vez libertou o povo por meio de Moisés e Aarão. Essa será a era vindoura.

Mas, no que diz respeito ao tempo presente, o joio e o trigo devem crescer juntos até à ceifa, que é a consumação desta era. Quando chegar a hora, o Senhor enviará os Seus anjos, “e eles colherão do seu reino tudo o que causa escândalo, e os que cometem iniquidade. E lançá-los-ão na fornalha de fogo; ali haverá pranto e ranger de dentes. Então os justos resplandecerão como o sol, no reino de seu Pai” (Mt 13:41-43). Repare na exatidão da expressão então os justos resplandecerão; não diz então eles serão juntados, pois já terão sido ajuntados antes dessa época. “Quando Cristo que é a nossa vida, se manifestar, então também vós vos manifestareis com ele em glória.” (Cl 3:4) O significado é, portanto, o mais claro possível. Será uma nova era, na qual não existe a mistura do bom com aquilo que é mau; mas a reunião do iníquo para juízo termina nesta era, para que o que é bom possa ser abençoado na próxima. O justos aqui referidos como brilhando como o sol encontram-se em uma esfera mais elevada, contudo os céus e a terra formarão então um sistema que, embora unificado, manterá as suas partes distintas. Haverá a glória celestial e a terrena. Haverá aqueles que brilharão nos altos e outros destinados a ricas bênçãos na terra. Será tudo um só reino; mas existirão ainda as coisas celestiais e as terrenas, como o próprio Senhor as distingue em João 3:12: “Se vos falei de coisas terrestres, e não crestes, como creereis, se vos falar das celestiais?”.

Temos aqui, portanto, uma região nos altos, chamada de reino do Pai e a região abaixo, chamada reino do Filho do homem. Ambos compõem o reino de Deus. “Mandarà o Filho do homem os seus anjos, e eles colherão do seu reino tudo o que causa iniquidade.” Esses não são nem mesmo admitidos na terra, mas são lançados na fornalha de fogo. “Então os justos resplandecerão como o sol, no reino de seu Pai.” Que perspectiva gloriosa! Acaso não é doce pensarmos que até mesmo este atual cenário de ruína e confusão está para ser libertado? Que Deus está prestes a ter o gozo de Seu coração, não somente pelo fato de encher os céus com Sua glória, mas também por ser o Filho do homem honrado no próprio lugar onde foi rejeitado?

Mas ocupemo-nos agora com a próxima parábola. “Também o reino dos céus é semelhante a um tesouro escondido num campo que um homem achou e escondeu; e, pelo gozo dele, vai, vende tudo quanto tem, e compra aquele campo.” (vers. 44) Esta é a primeira das novas parábolas contadas dentro da casa. O Senhor está mostrando as

coisas ocultas que exigem discernimento, e não o estado de coisas encontrado na esfera da confissão pública do nome de Cristo. Trata-se de um tesouro escondido em um campo, o qual um homem encontra e o esconde, e, pelo gozo, vende tudo o que tem e compra o campo. Estou ciente de que se tornou um hábito aplicar isto a uma alma que encontra a Cristo. Mas o que faz o homem da parábola? Ele vende tudo o que tem para comprar o campo. Seria esta a maneira de alguém ser salvo? Se assim fosse, a salvação seria para “o que trabalha”. Passa a ser, não mais uma questão de fé, mas de alguém deixando tudo para ganhar a Cristo, o que não é graça, mas a lei elevada ao seu grau máximo. Quando alguém tem a Cristo, sem dúvida alguma deve deixar tudo por Ele. Mas não são estas as condições para alguém que primeiramente recebe a Cristo para atender à necessidade de sua alma. Todavia isto não é tudo. O campo todo é comprado; e o que se faz com ele? “O campo é o mundo.” Devo eu comprar o mundo para obter a Cristo? Isto tão somente demonstra as dificuldades em que caímos sempre que nos apartamos da simplicidade das Escrituras. Mas se realmente buscássemos e provássemos as Escrituras pelas Escrituras, o significado se tornaria claro. O próprio Senhor refuta uma tal interpretação. Ele demonstra que há um Homem, e apenas um, que viu esse tesouro no meio da confusão. Quem? Trata-se do Senhor — o Senhor foi Quem deixou todos os Seus direitos para que pudesse receber pecadores lavados em Seu sangue e redimidos para Deus; foi Ele Quem comprou o mundo para adquirir o tesouro que Ele avaliou como tal. As duas coisas são distintamente apresentadas em João 17:2, “Assim como Lhe deste poder sobre toda a carne, para que dê a vida eterna a todos quantos Lhe deste”. Este é o tesouro — “todos quantos Lhe deste”. Mas toda a carne não é verdadeiramente o tesouro. Trata-se da coisa exterior que vai junto no negócio, se posso falar com esta familiaridade; mas não é este o tesouro para o Seu coração. Ele compra o todo, o mundo exterior, a fim de possuir o tesouro escondido.

E mais, “o reino dos céus é semelhante ao homem, negociante, que busca boas pérolas; e, encontrando uma pérola de grande valor, foi, vendeu tudo quanto tinha, e comprou-a” (vers. 45, 46). A parábola do tesouro escondido não é suficiente para transmitir o que os santos são para Cristo. Pois o tesouro pode ser formado de uma centena de peças de ouro e prata. E como isso denotaria a bem-aventurança e beleza da Igreja? O negociante encontra “uma pérola de grande valor”. O Senhor não enxerga meramente a preciosidade dos santos, mas a unidade e formosura celestial da assembleia. Cada santo é precioso para Cristo; mas Ele “amou a Igreja, e a Si mesmo Se entregou por ela”. É isso que é visto aqui — “uma pérola de grande valor”. Sem a mais remota dúvida de que este espírito

possa ser aplicado a cada cristão, creio que a sua aplicação principal seja a de mostrar quão adorável é a igreja aos olhos de Cristo. Isto não poderia ser aplicado em sua totalidade a alguém sendo despertado para crer no evangelho. Quando pensamos em um pecador antes de haver recebido a Cristo, porventura estará ele procurando boas pérolas? Não seria mais provável que o encontrássemos comendo junto com os porcos? Aqui vemos Aquele que “busca boas pérolas”, coisa que nenhum inconverso jamais procurou de fato. Não existe outra possibilidade de aplicar estas parábolas, a não ser ao próprio Senhor, ou à obra de Seu Espírito no povo que Lhe pertence. Quão bendito é que, em meio a toda a confusão que o diabo trouxe, Cristo enxerga o tesouro que são Seus santos, e a formosura de Sua igreja, apesar de todas as enfermidades e fracassos!

Então vemos tudo sendo capturado pela parábola da rede, que é lançada ao mar. (vers. 47-50) Trata-se de uma figura utilizada para nos recordar que nossas energias e desejos devem ser dirigidos para aqueles que estão flutuando no mar deste mundo. A rede foi lançada ao mar, e trouxe de tudo, “e, estando cheia, a puxam para a praia; e assentando-se, apanham para os cestos os bons; os ruins, porém lançam fora”. Quem são os que fazem tal serviço? Nós nunca encontramos anjos reunindo o que é bom, mas sempre separando os ímpios para o juízo. Os pescadores são homens, como os servos da primeira parábola. Mas não é apenas o evangelho que temos aqui. A rede recolhe de tudo; mas acaso não é melhor colocar o que é bom nos cestos? Não é isto reunir os santos em conformidade com Deus? É-nos mostrado que em meio a tudo o que é recolhido, antes que o Senhor retorne em juízo, deve haver uma poderosa operação do Espírito por meio dos pescadores de homens, reunindo santos de uma maneira ímpar. Não será isto o que está acontecendo agora? O evangelho está sendo pregado com grande poder em todas as terras. Mas existe algo mais acontecendo — a reunião do que é bom para ser colocado em vasos. Isto não acontece nos céus. Os que são ruins são lançados fora; mas não se trata do fim deles. Algo mais lhes está reservado — a fornalha de fogo. Mas temos essa informação adicional no versículo seguinte: “virão os anjos, e separarão os maus dentre os justos”. A atividade dos anjos é sempre voltada para o ímpio; a dos servos é para com o bom. Afinal de contas, juntar os ruins dentre os bons não é um trabalho do pescador; e lançar fora o que é mau não é o mesmo que lançá-lo na fornalha de fogo.

CONCLUSÃO

Nos capítulos 8 e 9 de Mateus, encontramos exemplos de surpreendentes mudanças. Assim, a travessia do lago na tempestade que é repreendida, a cura dos endemoninhados, a ressurreição da filha de Jairo e a cura da mulher que padecia de hemorragia, são assuntos pertencentes, do ponto de vista histórico, ao intervalo entre as parábolas, com as quais estivemos ocupados até agora, e a rejeição sofrida por nosso bendito Senhor, a qual nosso evangelista passa a relatar na sequência do seu evangelho. Busquei explicar o princípio no qual, conforme creio, o Espírito Santo desejou agir ao colocar os eventos numa ordem que pudesse traçar, de maneira clara, o ministério messiânico de nosso Senhor em Israel, com Sua rejeição e as consequências disto. É por esta razão que, havendo incluído antes os fatos intermediários, a sequência natural é a incredulidade de Israel diante do Seu ensino. Ele estava no Seu próprio país e os ensinava em suas sinagogas; mas o resultado, ao invés de ser de admiração diante de Sua sabedoria e obras poderosas, é desdenhosamente questionado: “Não é este o filho do carpinteiro?... E escandalizavam-se nele”. Ali estava um Profeta, mas sem honra em Seu próprio país e em Sua própria casa. A manifestação de glória era inegável — mas o vaso não estava sendo recebido de acordo com a vontade de Deus, porém é julgado segundo a vista e as apreensões da natureza humana. (Mt 13:54-58)